


<p>FAHIMTB</p>	<h1 style="text-align: center;">O TUIUTI</h1>	
		<p style="text-align: center;">ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RS E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL</p>
<p>AHIMTB/RS ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA</p>	<p>200 anos da ACADEMIA REAL MILITAR e da AMAN</p>	
<p>Ano 2012</p>	<p>JUNHO</p>	<p>Nº 18</p>

HEROÍNAS NEGRAS E MULATAS DO RIO GRANDE DO SUL NA GUERRA DO PARAGUAI

Cel Cláudio Moreira Bento

(Transcrição das páginas 214 e 215 de meu livro **O Negro e descendentes na Sociedade do Rio Grande do Sul 1635-1975**. Porto Alegre: Grafosul/IEL/DAC/SEC, 1974, premiado em 1º Prêmio no Concurso de Monografias sobre a contribuição do Negro na integração sócio-cultural Sul-Rio-Grandense do certame de Letras "Biênio da Colonização e Imigração").

A presença da mulher negra e da mulata no Rio Grande do Sul foi marcante na campanha da Guerra do Paraguai.

Muitas acompanharam seus maridos ou companheiros à guerra e os ajudavam em todas as tarefas, inclusive no combate.

Dionísio Cerqueira descreveu a atuação da mulher brasileira na guerra, não só da negra, como da branca e da índia, em número expressivo e naturais do Rio Grande do Sul, na maioria:

"Essas mulheres que seguiam o Exército (denominadas vivandeiras) não tinham medo de coisa alguma. iam às posições avançadas mais perigosas, levar a bóia (alimentação) dos maridos. Nas linhas de atiradores que combatiam encarniçadas, vi-as mais de uma vez achegaram-se dos feridos, rasgarem as saias em ataduras para lhes estancar o sangue, montá-los na garupa dos seus cavalos e conduzi-los, no meio das balas, para os hospitais de sangue. Algumas trocavam as amazonas (saias) por bombachas nos dias de combate e as pontas de suas lanças formavam os salientes nas cargas dos seus regimentos".

É um homenagem que se está a dever à mulher do soldado da guerra do Paraguai. Talvez um dia esta descrição real seja imortalizada em bronze ou em óleo, como uma justa, embora tardia, homenagem à mulher rio-grandense, branca, preta, índia e mestiça, que atuou como combatente em nossas guerras do sul, em defesa da Soberania e da Integridade do Brasil e da nossa Bandeira, a síntese das mais legítimas aspirações e objetivos do povo brasileiro.

Dionísio Cerqueira referiu-se a Anselmo Pureza, negro alto e musculoso que preparava sua comida e lavava sua roupa, além de afamado fabricante de cigarros. Anselmo havia sido recrutado no Rio de Janeiro pelo Exército, por ocasião de uma revolta na qual o povo pedia ao governo:

"Carne sem osso, farinha sem caroço e tocinho do grosso"

O soldado cuidava do armamento e sua mulher da alimentação, do seu moral e do fardamento. Ou traduzindo em expressões usadas no Exército de hoje “o soldado cuidava da atividade fim e sua mulher da atividade meio”.

Nota: Dionísio Cerqueira combateu nesta guerra como Alferes vindo da Escola Militar da Praia Vermelha. Mais tarde traduziu suas memórias do conflito na obra **Reminiscências da Campanha do Paraguai**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, com diversas edições. Ele como coronel comandou o Casarão da Várzea em 1891 como Escola Militar de Porto Alegre, conforme registramos às p. 84/87 na obra em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis **História do Casarão da Várzea 1885-2008**. Resende: AHIMTB, 2009.

A RÁDIO MAMANGAVA

Conto premiado em 1º lugar no Concurso Literário de Contos Alcides Maya, da Estância da Poesia Crioula

Juarez Nunes da Silva (*)

Da alvorada ao cair da noite, o campo apresenta os seus sons característicos orquestrados por uma natureza que sabe dosar e provocá-los no seu precioso momento. Desde o cantar madrugueiro dos galos até a sinfonia dos grilos numa noite escura, arrematada pelo pio da coruja no topo de um palanque de cerca, tudo se apresenta em perfeita harmonia.

Mas, o campo também emite outros sons que fazem o gaúcho sentir-se bem, emitidos pelos velhos aparelhos de rádios, alimentados por baterias carregadas por dínamos movidos a cata-ventos. Diz-se que o gaúcho não vive sem rádio que, por certo, é uma verdade. Lenitivo pra solidão, fazendo costado nas primeiras horas que prenunciam o descanso no catre e também nas madrugadas antes do dia dar o ar da graça, o rádio exerce um papel importante na socialização do homem do interior, encurtando as distâncias entre ele e seus patrícios de outras querências, trazendo as novidades da cidade até o campo.

Ocupando um lugar de destaque nos casarios rústicos da campanha, o rádio sempre esteve no centro do cômodo maior – normalmente na varanda onde se faziam as refeições, reunindo a família e os agregados com “permissão” de frequentar a casa do patrão. Uma dos encargos mais comuns da peonada, era o de colocar a bateria de acumuladores (6 ou 12 volts) para carregar no dínamo durante o dia, para poderem ouvir o rádio depois da janta.

E o domingo era um dia especial de se ouvir rádio. Aliás, o domingo sempre foi um dia esperado pelos gaúchos, pois era o momento de se colocar a melhor pilcha, passar um sebo de ovelha nas botas, dar uma rasqueteada na melena com brilhantina, umedecer o pescoço com uma “aquavelva” e oitavar-se num balcão na domingueira, dando laços de olhar nas pinguanchas querendonas. Às vezes, a argola do laço batia nos peitos e não se arrumava nenhum camote, mas, pelo menos, alguma contradança sempre sobrava para entreter os pés e se levava pro rancho um resto de perfume “gauchinha” na gola da camisa. Afora levantar a polvadeira num arrasta-pé crioulo, havia também as carreiradas depois do almoço, onde a indiada apostava até o que ainda não havia ganho do patrão. Mas, o final da tarde de domingo convidava a peonada de volta para os ranchos por que havia um programa de rádio imperdível, logo à noite. Era o “Grande Rodeio Coringa”, um programa de auditório transmitido pela Rádio Farroupilha de Porto Alegre. Aliás, o programa levava o nome do patrocinador que era a marca “coringa” de calças de brim. E como usei as ditas....

Um rádio na campanha, nos primeiros tempos, era uma fina flor de luxo e a vizinhança se convidava por conta, chegando a cavalo ou de carreta para escutar o Darcy Fagundes e o Luiz Meneses apresentar os artistas que se tornaram famosos como o Teixeira, Os Três Xirús, Os Mirins, entre outros. O momento mais aguardado era a hora da trova, onde Gil do Freitas fez nome, junto com o Formiguinha. Nas outras noites, se escutavam as modinhas embaladas por violas de 10 cordas transmitidas pela Rádio Record de São Paulo, e nas madrugadas, o programa do Zé Bettio – que era

acordeonista, e fazia uma barulheira com animais, baldes, painéis, jogando água para acordar o ouvinte, apresentando música sertaneja de raiz.

Quando o tempo estava limpo, sem nuvens carregadas, sintonizando as ondas curtas, se ouvia um tango correntino nos entre-meios de uma prosa castelhana, com algumas descargas de estática. Por certo, muitos já ouviram falar do rádio de galena, que consistia num cristal de mesmo nome, uma bobina, um capacitor, uma antena e um fio terra, funcionando sem energia. Lembro que meu pai contava que via os seus tios escutando música e notícias naquele aparelho que não precisava ligar em “tomada” nenhuma. Mas, quando chegaram os rádios à bateria e, mais tarde, alimentados a pilhas, histórias das mais absurdas se ouvia até o povo entender como funcionava o “aparelho”. O meu pai, ainda guri, queria abrir o rádio pra ver os “homenzinhos” lá dentro da caixa falando pro povo. Ou então, aquele xirú que levava a bateria pra carregar na oficina da vila e pedia pro vivente “encher” a bateria com músicas do Teixeira, dos Irmãos Teixeira, dos Bertussi, do Pedro Raymundo e aí se ia. Lembro de uns tios que colocavam as pilhas sobre a chapa do fogão pra esquentar e aumentar a carga... que perigo! Também ouvi de um amigo que morava em Vacaria, cujo pai xingava os filhos pra não sintonizar os rádios de São Paulo, que era muito longe e, por isso, gastava a bateria mais ligeiro.... mas que barbaridade!

Pra quem tinha o privilégio de ter uma “caixa de abelhas” no rancho, o rádio, além de entreter, mantinha o vivente muito bem informado e muitos, passavam de “entendidos”, sendo sempre requisitados para dar palpites e opiniões nas conversas de galpão ou nos bolichos de campanha. Entre estes sabichões do campo, havia um tal de Alzerino, que já tinha a vida ganha, vivendo só de arrendamentos de internadas, que ouvia as notícias transmitidas pelo rádio e dava uma “sovada” nas mesmas, valorizando os acontecimentos. Aliás, o rádio provoca este sentimento de aguçar a imaginação, interpretando a palavra falada. Mas, nada de exageros, seu Alzerino!

Certa feita, o Alzerino chegou no Bolicho do Calixto, num sábado de tardezita, amarrou o seu sebruno no vareijão em frente a venda e foi dando “buenas” pra homarada que estava sentada nos bancos do lado de fora, tomando uma fresca, para se aliviarem do abafor, e já foi dizendo:

--- Pois, não vou nem esquentar o banco, por que o tempo tá se armando pros lados dos castelhanos e preciso recolher um pouco de lenha seca, por que o céu vai encharcar de fazer sapo se afogar!

Um dos quëras que estava espojado no banco, suado como caneca de lata com água de vertente de mato, levantou com as mãos nas “cadeiras” e bombeou pros quatro quadrantes pra confirmar a veracidade dos fatos e falou:

--- Mas, compadre Alzerino, o sol tá mais atiçado que forja de ferreiro e não tô vendo nenhuma nuvem coloreando o céu de chumbo. Tu tá com as ventas bem assoadas pra tá sentindo de longe o cheiro de chuva, vivente!

--- Não, por acaso eu nem senti cheiro de terra molhada. Eu escutei do meu mamangava, agora a pouquinho. O radialista já recomendou pra desencantar as capas “Renner” dependuradas atrás das portas, por que vem chuva grande por aí. Disse ele que foi visto uma manada de cavalos galopando sem rumbo ali debaixo da serra, corcoveando e coiceando doidamente pelos campos e os peixes enlouquecidos dando rabanadas nos açudes de chegar a fazer onda. Respondeu o Alzerino em dois “forgos”.

--- Será? Questionou um dos tauras, mui desconfiado.

E a Tia Pequena que tinha vindo comprar um “tijolinho” de rapadura pra adoçar o café, já de saída na porta do bolicho, remendou:

--- Pois a conversa da “rádia” tem fundamento! Pois, quando vinha pra cá, vi o bode do Antenor espirrando na beira da cerca... é chuva.... e lá no meu rancho, o meu gato preto não parava de “lambê” as patas e “coça” as “oreia”, e o meu cusco lebreiro se deu pra acoar na beira do galpão... até pensei que fosse uma cotiara que ele tinha visto, mas era um sapo cururu soltando gosma pela boca... vem chuva mesmo!

--- Capaz, Tia Pequena! Disse um dos marmanjos salivando a borda de uma palha de milho pra fechar um “baio”.

--- Não me desacredite, guri! Eu não fico sem o meu mamangava ligado. Outro dia eu tava varrendo o terreiro em frente ao rancho, com a “rádia” a todo o volume e o radialista me avisou pra olhar a panela de feijão que já tava sem água. Não é que fui correndo pra dentro da cozinha “arrearar” a panela e não é que era verdade! O feijão tava quase seco. A minha caixa de mamangava é o meu companheiro!

Mas, pra mode dar as explicações devidas, a “mamangava” era o apelido que os serranos davam aos velhos rádios, em razão da “conversaiada” que faziam. Quando se podia, sintonizavam estações em Porto Alegre ou até de Caxias do Sul, procurando músicas regionalistas, notícias e assuntos de variedades, inclusive horóscopo.

Por falar em horóscopo, o Calixto, dono do bolicho, tinha um compromisso diário na parte da manhã, que era ouvir o “horosco”, como ele dizia, do famoso astrólogo Omar Cardoso. Quando o rádio anunciava o seu signo, que era de leão, pois o vivente tinha nascido no mês de agosto, ele mandava o povo parar de tagarelar para que pudesse ouvir as previsões que iam orientar o seu humor do dia.

Certa feita, tinha chegado no bolicho um índio velho, de apelido “pescoço” conhecido no vizindário pela brabeza de gato ensacado. Na verdade não se sabia se ele era brabo por que tinha o pescoço largo ou se tinha o pescoço largo por que era brabo. Mas, que tinha um pescoço enorme, ah tinha... mas, também não importa, por que a lã não pesa para a ovelha e nem a barba pro bode, quanto menos o pescoço do tal. Mas, é certo que lhe faltava certa habilidade no trato com os entes vivos e se algo o incomodasse, de imediato se elevava nos calcanhars e conjugava os verbos nos tempos certos acolherados com adjetivos dos mais impronunciáveis em dia de sol quente. Bueno, já tava na hora do “horosco” do Calixto e ele, como dono do recinto, mandou a papagaiada calar o bico, justo no momento em que o “pescoço” contava uma história das suas para os lacaios que se reuniam em sua volta. A coisa, por certo, não prestou, pois lhe interromperam a prosa, talvez no ponto mais importante da narração dos fatos. Mas, quer acredite ou não, o “pescoço” esperou a fala oriunda do rádio dar os seus “presságios” e depois, com voz de quem cobra um desafio, fez o seu discurso:

---- Pois “óia”, seu Calixto...”homi” que “assunteia” ou presta atenção em “horosco” e “escuita” novela de “rádia”, não vale o couro seco de um rabicho de encilha. E essa conversa de signo é pura “invenção” dessa gente da “rádia” e uma “enganação” pro povo que perde tempo ouvindo essas mamangavas. Se fosse verdade que o teu signo de leão é tão poderoso assim, como é o verdadeiro leão na floresta, cheio de força e poder, a tua “muié” não tinha te deixado Calixto! Se tu fosse um leão mesmo, ela tava aí dentro do teu rancho só espiando pelas frestras de medo de ti! Nem prá gato angorá tu serve, vivente!

---- Pois tu estás com a idéia bichada, “pescoço”. Não tem nada de “enganação”... pois “bamo” ouvi o teu “horosco” do mês de novembro, por que tu é o do “escorpião” e te digo, reinador incomodativo e brabo como cobra que desperdiçou o veneno caçando corvo, só pode ser desse signo aí... do teu, “pescoço”....

Quando brigam as comadres, descobrem-se as verdades... mas o taura se ajeitou na cadeira de palha, louco pra pescoçar o Calixto, mas sabia que estava pisando nas tábuas de rancho alheio e, já que a provocação tava se espichando como urutu tomando sol, não custava esperar o arremate e ficou quieto para ouvir o tal “horosco” do escorpião, só pra ver o que ia ser dito:

---- “*Escorpião, para os nascidos entre 23 de outubro e 21 de novembro. Os astros Marte e Plutão em combinação com a Lua cheia, lhe deixarão bastante instável nestes próximos dias, aumentando o seu mau humor, com tendências à violência. Fique calmo e aproxime-se dos seus amigos, seja amável e gentil, e tudo voltará a normalidade.*” Foi o que disse o homem do rádio.

---- O que foi que eu falei, “pescoço”? Perguntou o Calixto.

---- Pois é, Calixto, sabe que eu ia te mandar lamber um coxo de sal, mas é certo eu ando meio nervoso e a “rádia” ta tomada de razão. Vou manear os nervos e me controlar. Até vou me esforçar pra

ficar mais junto destes ventenas aqui e até vou pagar umas “gasosas” pra eles. E amanhã, será que muda a previsão do “horosco”? Foi a fala do “pescoço”, extraviado como chinela em cancha de bocha, porém, mais calmo do que de costume.

E logo em seguida, o rádio tocou o famoso jingle do tônico Fontoura: “*Bê, á, bá. Bê, e, bé. Bê, i, Bi...otônico Fontoura!, ideal para engrossar o sangue, reforçar os músculos e acalmar os nervos..*”, o suficiente para que o “pescoço” se pronunciasse novamente:

----Calixto, me “embruia” dois vidros desse Biotônico que eu vou levar pra encharcar os meus nervos. E tudo voltou a ficar tranqüilo como madrugada de velório.

---- Tá na mão, “pescoço” – disse o bolicheiro – e, eu não quero te atropelar pro teu rancho, mas quando tu pegar o carro de volta, tu podia passar ali no Adelar e dar um recado pra ele. O Generino – compadre dele - mandou um recado pela Rádio Caxias, “três-ontontê”, avisando que vai esperar a encomenda dos queijos pela “linha” na parada do Imigrante, na entrada da cidade, no dia 10.

---- “Óia”, Calixto, eu não sirvo pra mandalete, mas é “bão” que eu passe por lá, pois aquele trabuzana tá me devendo umas pelegas da venda de uma novilha. Como ele já vai receber da venda dos queijos, vai ter que me pagar. Mas, Calixto, tu vai ter que pagar a “corrida” e eu aceito uma volta daquele fumo “bão” que chega a ter uma cola grudenta por fora, que tu esconde lá dentro da despensa. Respondeu o “pescoço”.

---- Tá feito, mas leve o chasque ainda hoje, arrematou o Calixto.

Uns pares de minutos depois, o rádio ligado e a conversa meio aos cochichos, o locutor fez o comercial de um produto, mais ou menos assim: “... *você que está aí indisposto, sentindo um ardor e peso no estômago, levante e peça em qualquer casa de negócios, um envelope de comprimidos de leite de magnésia PHILLIPS... resolvem na hora*”. Imediatamente, levanta o seu Arquimimo e diz:

---- Como é que ele sabe que eu tô com uma gastura no “estambo”? Calixto, me “pincha” pra cá um envelope dessa magnésia “Filipis”, e pendura no caderno.

Eis a importância do rádio, aconselhando comportamentos, orientando costumes, trazendo dicas, entretendo e informando o povo. Por isso, o gaúcho não vive sem rádio, ou melhor, sem a sua “mamangava”.

(*) O autor é Capitão R2 do Exército Brasileiro; acadêmico da Academia de História Militar Terrestre do Brasil; membro do Instituto de História e Tradições do RGS e da ADESG/Representação Caxias do Sul/RS; integra a Equipe Técnica de Avaliadores do MTG/RS; é Presidente da Associação dos Artilheiros Antiaéreos (Caxias do Sul/RS) e Vice-Presidente da Liga de Defesa Nacional – Núcleo de Caxias do Sul/RS.

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Presidente da AHIMTB/RS
Vice-presidente do IHTRGS
Academia General Rinaldo Pereira da Câmara
lecaminha@gmail.com